

A PSICANÁLISE ENTRE A CIÊNCIA E A ÉTICA

Eduardo Dias Gontijo
FAFICH-UFMG

Esperar é reconhecer-se incompleto.
GUIMARÃES ROSA

Introdução: Primeiro distinguir, depois unir

*Agora, o meu conhecimento é limitado;
então, conhecerei como sou conhecido.*
1COR 13,12

Quais os limites da teorização psicanalítica? Em que *matriz conceptual* ou *paradigma* nos situamos, ou que perspectiva particular assumimos, ao pensar psicanaliticamente? Ou acaso seremos *negligentes* quanto à definição do estatuto *epistemológico e científico* da psicanálise, condenando-a a permanecer uma *ciência em estágio embrionário* ou *pré-paradigmático*? Ou somos mesmo *temerários* a ponto de considerarmos que não há necessidade nenhuma de prover tais limites para o conhecimento psicanalítico?

A definição clara de uma matriz conceptual é fundamental para qualquer ciência. Sem a definição da *especificidade* de seu campo de saber, que decorre da cuidadosa *delimitação* de seu objeto e método, a psicanálise corre o risco de se converter ou numa espécie de crença supersticiosa, ou em um arrogante ponto de vista *pseudofilosófico* sobre o homem, uma falsa *metafísica* e uma *antropologia* unilateral diretamente atrelada a uma *ética perversa*.

O que neste caso é verdadeiro para a teoria, é também para o indivíduo. Desditoso, infeliz é o homem que não reconhece os seus *limites*. Pobre é quem não se descobre em *falta*, falta não *de* objetos — que lhe satisfaçam a avara necessidade do animal — mas em falta *a ser*. Mais indigente do *ser* é quem não se apercebeu *finito* e *relativo*, e daí *dividido* em si mesmo e *desamparado* do Outro. Tal desventurado, impotente para se *distinguir*, resultará *confuso*, e confuso, se encontrará *disperso*, fragmentado. E a *nada* e a *ninguém* poderá se *unir*.

Uma humildade digna é um grande valor. Sublime, imensa e profunda dignidade é a do homem que se reconhece finito e relativo. E que neste seu saber desvela-se a si mesmo *capaz* do Infinito e do Absoluto. Pois se é verdade que o finito se conhece tal *no* infinito, então um homem *só* se saberá finito na medida mesmo de sua capacidade de estremecer diante da ilimitada imensidão do *Infinito*. E *só* se reconhecerá *relativo* na medida mesmo em que humildemente sentir que é mister emudecer diante da imperiosa majestade do *Absoluto*.

O homem, ser capaz de infinito *enquanto* ser finito, é *digno* enquanto não é *senão* capaz. *Finito* capaz de *infinito*, lhe é dado reconhecer-se *distinto* e separado. E somente enquanto *distinto*, lhe é possível se *unir* ao outro enquanto *Outro*.

Aonde o homem reconhecerá os seus limites, *senão* na linguagem? É apenas *na* linguagem e *pela* linguagem, também *finita* enquanto capaz de *infinito*, *relativa* enquanto capaz de *absoluto*, que ele pode compreender-se finito e relativo, desamparado e dividido. Na linguagem se encarna o seu *ethos* peculiar, que lhe se serve de *morada* e *guia*, como *gênio protetor* do homem. Visto que a linguagem é condição de possibilidade e *medium* universal de tudo que *é* e de toda realidade humana. Na linguagem, ele *distingue* e *se distingue*, e distinguindo, se *une*.

Donde se segue que podemos afirmar que o *grande perigo* para o pensamento *do homem*, seja ele filosófico ou científico, é exatamente, para além do não reconhecimento de seus condicionamentos históricos e sociais, isto é, de seu caráter *finito* e *relativo*, é estabelecer-se na *confusão* e *dispersão*.

De forma que um imperativo capital do pensar é: *distinguir*, para então *poder unir*.

1. A Psicanálise e a crise no pensamento atual

*Chegou um tempo em que não se diz mais: meu Deus.
Tempo de absoluta depuração.*

CARLOS DRUMMOND DE ANDRADE

Um dos grandes sintomas de crise no pensamento contemporâneo tem sido uma espécie de "tagarelice tecnológica", ou seja, a *dispersão* e a fragmentação do saber na forma de especializações científicas ou disciplinas que pouco se comunicam entre si e só fazem proliferar discursos de muita *precisão* e limitadíssimo *escopo*.

Todos sabemos *que o isolamento dos saberes — e das comunidades e dos indivíduos — só pode conduzir à esterilidade*. E esta se manifesta ou tem como conseqüência final uma forma de degeneração do conhecimento na qual *"a longo prazo as palavras são tomadas pelas coisas e não conseguimos mais perceber claramente com que realidades estão relacionadas"*¹.

Ora, uma das principais razões para a grande importância do pensamento psicanalítico em nosso universo cultural deriva do fato que os seus grandes mestres — FREUD e LACAN — muito embora referidos à *especificidade* do olhar psicanalítico sobre os fenômenos humanos, ao mesmo tempo procuraram articular suas formulações com outros campos — história, antropologia cultural, filosofia, lingüística, arte e religião — de tal forma a dar a suas obras um caráter *pluridimensional*.

É hoje evidente para muitos que, para se analisar uma determinada questão do cotidiano, é necessário uma multiplicidade de enfoques — e isto é exatamente o que está em questão no moderno conceito de *interdisciplinaridade*, tão freqüentemente evocado em *filosofia da ciência*. Ao se mesclar, de uma maneira sempre particular, diferentes disciplinas, pode-se obter um certo enfoque original sobre certos problemas. Semelhante abordagem, todavia, não cria uma *superciência*, mais objetiva que as outras: ela apenas produz um novo *enfoque*, um novo *paradigma* que, como tal, será sempre *particular*.

Dado o seu caráter pluridimensional, há, para a teorização psicanalítica, um convite permanentemente aberto para a interdisciplinaridade. No simpósio interdisciplinar, há um risco permanente de *confusão metódica*: a possibilidade de *desencaminhar-se, perdendo a sua identidade*

¹ Ver BOURGUIGNON, A. *O conceito de renegação em Freud e outros ensaios*. Rio de Janeiro, Jorge Zahar, 1991, p. 11.

*própria, ao pretender submeter outras disciplinas ao seu império, de modo a arrogar constituir-se numa espécie de superciência. Por ironia, recordemos: se *methodos* etimologicamente significa *caminho*, sabemos então que, se os caminhos escolhidos são muitos, então não há caminhar nenhum.*

Outro risco de degeneração — em forma semelhante de *arrogância* — para a teorização psicanalítica advém, por assim dizer, da infinita riqueza ou, por assim dizer, plenitude *ontológica* de seu *objeto*: a *subjetividade* e a *linguagem* humanas. Pois *linguagem* e *subjetividade* são objetos de uma profunda riqueza ontológica, na medida mesmo em que são *mediadores* universais, isto é, *pressupostos indispensáveis* e *condições fundamentais de possibilidade* para *todo* e qualquer *fenômeno humano enquanto humano*.

Ao tematizar e *interpretar* a subjetividade humana de uma perspectiva particular profundamente revolucionária, criativa, original — isto é, dos pontos de vista do *inconsciente* e da *sexualidade*, das perspectivas *tópica* e *dinâmica* — a psicanálise revelou-se extremamente capaz de *interpelar* os mais diversos setores do saber e das atividades humanas. Sem sombra de dúvida, a teorização psicanalítica produziu, em nossa era, uma ferramenta ou *tecnologia intelectual* de um prodigioso e tremendo poder *crítico*. Graças a este poderoso arsenal *crítico*, podemos, através dela, assumir uma *nova versão* de pensamento *crítico*, que nos permite lançar um *novo* e *original* — ainda que sempre *particular* e *específico* — *olhar* sobre as mais variadas criações e atividades humanas, como a Ciência e as ciências, as artes, a religião, a política, a ética, a filosofia, etc.

Mas o exercício crítico pode também conter seus exageros e suas desmedidas. De maneira que é legítimo nos indagarmos: um ponto de vista ou uma teoria que é capaz de *tudo* interpretar, *sem contradição*, de forma a fazer tudo cair a seus pés, pode ainda legitimamente ser tomado por um ponto de vista ou uma teoria, e ainda mais por uma teoria *científica*?² Tal teoria, ainda que explicitamente o negue, implícita ou explicitamente não está pretendendo dar conta do *“real em si”*, e em desconhecendo-se como ponto de vista particular, *finito* e *relativo*, acaba redundando em uma *ideologia* pobre ou uma forma de *mistificação* perversa?

Nada mais estranho a uma pretensão genuinamente científica do que um olhar *completo*³. A psicanálise, contudo, em virtude do poder de sua própria faculdade crítica sobre outros campos do saber, corre no

² Ver LAMOTTE, B. Le réductionisme, méthode ou ideologie. *Lumière et vie* XXXIV, n. 172 (1985): 5-18.

³ Ver FOUREZ, G. *A construção das ciências*. São Paulo, UNESP, 1995.

entanto o perigo de ser assumida acriticamente, especificando-se, fora do campo das ciências, no terreno *confuso* dos saberes *sem identidade*, na vertente estéril das *ultraciências*, das *cosmogonias* míticas e das *moralidades* alucinadas. Elevando-se à *ilusão* de ter alcançado uma espécie de patamar superior a outras disciplinas científicas, aos outros saberes e à própria Ciência, o seu *futuro* será apenas um: dissipar-se numa temerária *autofagia* tresloucada.

A não definição de limites conduz, via de regra, à corrupção da ação ou atividade. Dizemos que há *corrupção* de uma atividade, seja ela *teórica* ou *prática*, quando os seus fins *próprios* cedem lugar a finalidades que não lhe são próprias: quando, portanto, ela *confunde* e não se *distingue*. Em não se distinguindo, ela não conseguirá estabelecer relações *hierárquicas* adequadas nem interna, nem externamente, com outros campos de atividade, de modo a lhes avaliar o mérito e conceder a dignidade das diferenças devidas a cada uma delas: como um *Édipo* cego, afinal, não saberá distinguir, vítima de sua própria *hybris*, ou desmedida, quem é seu pai ou rival, geratriz ou consorte, irmão ou filho, filha ou irmã...

2. Discurso teórico e discurso prático

Para as virtudes o conhecimento tem pouco ou nenhum peso.

ARISTÓTELES

Pensar é simplificar. Sem apelo aos artificialismos, é preciso que se diga, com antecedência, que o exercício do pensar se consoma num simples colecionamento de *banalidades*. Isto é, começamos a pensar sempre que cativamos o fato *banal*⁴, *ordinário*, *trivial*, que se estende diante de nós, e efetivamos a *reflexão* na sua mais radical *simplificação*, ou *formalização*. Nesta tendência geral ao labor racional se anuncia uma regra fundamental para o pensamento, tanto científico como filosófico: a norma geral de que todo discurso teórico *deve ser*, em princípio, mais *simples* que o segmento de realidade a ser compreendido por ele.

O grande perigo para o pensamento não reside conseqüentemente na banalidade, mas em seu correlato oposto, a *extravagância*. E esta começa pelo equívoco de compreender a reflexão como uma espécie de

⁴ O fato *moral*, por exemplo, que tanto ocupa a reflexão filosófica, não é um fato *banal* e imediato à vida de *todos* os grupos humanos? A propósito, ver PERINE, Marcelo. A dimensão ética do homem. *Síntese* XV, n. 43 (1988): 23-37.

excêntrica tarefa de vestir o fato *banal* diante de nós com a roupa *extravagante* das *ambições*, digo ambigüidades, artificialmente construídas.

Uma vez que pensar é *simplificar* ou *formalizar*, começaremos, pois, por estabelecer algumas distinções banais. A primeira *distinção* a ser feita neste contexto — distinção essa que é implícita ou explicitamente assumida por todo ser falante — diz respeito às duas principais *formas* de conhecimento.

Uma distinção que se tornou *banal*, pois assumida por todos aqueles que se dedicam ao labor filosófico, é que as mais variadas formas de reflexão, saber ou conhecimento humanos podem, em geral, ser classificadas em duas *categorias* principais: a esfera da *razão* ou discurso *teórico* e a esfera da *razão* ou discurso *prático*. Uma vez que todo conhecimento traz consigo a possibilidade de *correção*, junto a pretensões de *validade*, um princípio decorrente desta distinção é que *toda forma de reflexão*, sendo passível de *juízo* e *avaliação*, guarda uma relação íntima com algum *padrão* ou *critério* que a define ou *especifica*.

No discurso *teórico*, esses critérios se manifestam na distinção entre o *verdadeiro* e o *falso*. Ou, expressando o mesmo em outros termos: *teórico* é todo aquele discurso composto de proposições passíveis de serem avaliadas do ponto de vista do *verdadeiro* e do *falso*.

Proposições *teóricas*, por sua vez, podem ser falsas ou verdadeiras de maneiras *diversas*. E estas maneiras se encontram em uma *hierarquia* inequívoca. Isto é, presumimos que, na esfera *teórica*, os saberes não são todos equivalentes ou se dispersam em um mesmo plano horizontal: alguns saberes são, para nós, sem dúvida alguma, mais *fundamentais* que outros, isto é, lhes serve de *fundamento*.

Já no discurso *prático*, esses padrões se manifestam na distinção entre o *correto* e o *incorreto*. De modo tal que falar em *ações* implica sempre em falar de algo relacionado a *fins* e passível portanto de *juízo* sob a perspectiva do *correto* e do *incorreto*. Assim, quando dizemos que uma ação é *falha* ou *incorreta*, *implicitamente* assumimos que nela o agente não alcança o *fim* da ação. Dizer que uma ação é *correta*, por outro lado, significa o mesmo que dizer que o agente age em consonância com os seus *fins*, alcançando-os.

De um modo análogo às proposições *teóricas*, as *ações* podem ser corretas e incorretas de diversas maneiras. E estas maneiras, por sua vez, também se encontram numa *ordem* inequívoca. Ou seja: também na esfera da *razão prática*, alguns saberes — e *fins* e *bens* — são mais *fundamentais* que outros.

3. Discursos práticos: ética e técnica

A razão comporta-se de modos diferenciados no campo da técnica e no campo da moral.

TOMÁS DE AQUINO

Tanto o campo da *ética* como da *técnica* se configuram no campo da razão ou discursividade *prática*. Mas o que *diferencia* esses dois pontos de vista?

Só um insensato seria incapaz de compreender a *primazia* da razão *ética* sobre a racionalidade *técnica*. O discurso *ético* é, para qualquer ser que se queira *razoável* — que não sendo apenas razão, reconhece entretanto que nesta vida algumas coisas são mais *importantes* do que outras — mais *fundamental* do que qualquer discurso *técnico*.

Estes dois pontos de vista — *ético* e *técnico* — não estão, no entanto, diferenciados “setorialmente” entre si, e não são portanto *externos* um ao outro. Se o fossem, seria impossível perguntar por que afinal cabe sempre ao ponto de vista *ético* uma *primazia* sobre o ponto de vista *técnico*⁵.

Mas *confundir* um ponto de vista com outro engendra *dispersão* da *práxis*, isto é, conhecimento, tanto ao nível *ético* quanto *técnico*, *fragmentado*. De modo que, na esfera *prática*, *é mister distinguir para depois unir*.

Como então podemos *distinguir* estas duas perspectivas diferentes sobre a ação, de forma a poder *uni-las*, isto é, de modo a fazer com que nossos interesses *técnicos* estejam *subordinados* a finalidades *éticas*?

A resposta a esta questão é *banal*: a *relação* entre o ponto de vista *ético* e o ponto de vista *técnico* corresponde antes à *relação que se estabelece entre as partes e o todo*.

Do ponto de vista *ético*, permanece válida aquela famosa sentença de Aristóteles: *uma andorinha não faz verão*. O que isso quer dizer, no final das contas, é que o ponto de vista *ético* julga as ações como corretas ou incorretas com referência à *vida como um todo*, ao passo que o ponto de vista *técnico* faz sempre referência a *objetivos particulares*.

⁵ Ver SPAEMANN, R. *Ética e benevolência*. São Paulo, Loyola, 1996.

Como uma vida bem sucedida é um fim *perene*, que necessariamente descobrimos em nós, enquanto seres razoáveis, os fins éticos não são fins *postos* ou *inventados*, mas são, de uma certa maneira, *dados*. Os desafios que a reflexão *ética* impõe — integração dos impulsos parciais, no próprio indivíduo, ao todo de uma vida bem sucedida, e integração dos interesses particulares, entre os indivíduos, ao todo de uma vida bem sucedida — tendem deste modo a permanecer os mesmos desde a reflexão socrática. Assim, no que se refere às questões éticas, somente *idiotices* podem ser *radicalmente* novas.

Os fins *técnicos*, por outro lado, são objetivos *particulares* determinados por *paradigmas*, e neste sentido são livremente escolhidos, *inventados*, e substituíveis: veja-se, como exemplo, a produção de carros, de computadores, ou a cura de uma doença. Sendo os fins técnicos construções da racionalidade científica, o progresso técnico está diretamente atrelado à substituição de paradigmas. Assim, se uma concepção técnica revela-se pouco operacional ou incompleta ou inadequada, ela é de pronto substituída por outra, e de um modo análogo àquele na qual a ferrovia substituiu a diligência, e a lâmpada elétrica, a chama de uma vela.

Há, portanto, uma grande diferença entre os erros que cometemos *inquantum artifex* — enquanto artífices ou técnicos — daqueles que cometemos *inquantum homo* — enquanto seres humanos. E muito embora eu possa desconhecer sem prejuízo uma variedade de racionalidades técnicas — posso ignorar, por exemplo, a maneira como um computador é construído — não posso ignorar, sem grande prejuízo, o que é ser uma pessoa humana de caráter ético.

4. Ciência e Filosofia

*Por que um menino pode tornar-se um matemático,
porém não filósofo?*

ARISTÓTELES

Tanto o campo da *Filosofia* como da *Ciência* se caracterizam por pertencerem ambos ao campo da discursividade *teórica*. O que no entanto os diferencia?

De maneira análoga à *primazia* que observamos da *ética* sobre a *técnica* no que concerne à razão *prática*, há inevitavelmente uma *primazia*

similar da discursividade *filosófica* sobre o conhecimento *científico*, no que diz respeito à atividade *teórica*. O discurso *filosófico* é, por assim dizer, mais *fundamental* que qualquer discursividade *científica* particular e, na verdade, *fundamenta* as disciplinas científicas particulares. O próprio filósofo do senso comum o reconhece, quando diz: “*nesta vida, alguns conhecimentos são muito mais importantes do que outros*”.

Se há uma primazia do ponto de vista *filosófico* sobre o *científico* — e *primazia* também significa *união* — isto quer dizer que estes dois campos de saber não estão “dispersos” setorialmente, isto é, não são pontos de vista *externos* um ao outro, assim como também ocorre não serem os pontos de vista ético e técnico externos um ao outro. De modo que, também aqui, confundir os dois campos provoca *dispersão* teórica, ou conhecimento teórico fragmentado e esquizofrênico.

De modo que também na esfera *teórica*, é mister *distinguir para depois poder unir*.

Ora, podemos dizer que tanto em *ética* quanto em filosofia o que é radicalmente novo é apenas o que é ao mesmo tempo aberrante, excêntrico ou extravagante. Esta idéia não é também nada nova, e se justifica na medida em que compreendemos, pelo próprio exercício daquela atividade amiga da sabedoria, que o objeto próprio da reflexão filosófica, objeto *outro enquanto outro*, revela, em seu seio, uma realidade *inesgotável* vitalmente apreendida como objeto. Neste sentido, por mais que se digam coisas diversas, o objeto próprio da reflexão filosófica permanece sendo o mesmo objeto *transbordante* em *inteligibilidade*, constituindo-se numa *plenitude ontológica* na qual o pensamento mergulha sem poder, em princípio, esgotá-la: ou, para resumir tudo numa simples e conhecida fórmula, o objeto próprio da *especulação* filosófica sempre foi e sempre será o *ser enquanto ser*.

A verdadeira fonte da filosofia⁶ é portanto a *philosophia perennis*: ela, devendo ser sempre inventiva e progressiva, jamais poderá esquecer que a sua riqueza se encontra na tradição e no perdurável. O progresso no conhecimento filosófico é pois um progresso, por assim dizer, *vertical* e por *aprofundamento*. Em filosofia, assim como em religião, podemos ler e reler sempre o mesmo livro, e cada vez mais veementemente, mais ardorosamente, e mais profundamente. Aqui, é sempre um *todo* que cresce.

Na *Ciência*, por outro lado, o objeto não possui a mesma *densidade ontológica*, ou, para dizer noutros termos, esta mesma densidade do

⁶ Ver MARITAIN. J. *Sete lições sobre o ser* e os primeiros princípios da razão especulativa. São Paulo, Loyola, 1996.

objeto é submetida no labor científico a uma *abstração metódica* a partir de um ponto de vista privilegiado:

Paradigmas científicos são criações humanas, relacionadas a projetos humanos. Nenhuma disciplina científica é engendrada no vácuo, nenhum conceito científico “cai do céu”: todas elas partem de relatos que todos conhecemos. Por exemplo: a psicologia será influenciada por um certa noção, partilhada por um dado conjunto cultural, da diferença entre o psíquico e o somático, e de maneira análoga a biologia se forja a partir de uma certa idéia, partilhada por um determinado grupo num certo contexto histórico e cultural, envolvendo uma distinção entre o que é ser vivo e ser inanimado. Estes elementos culturais, portanto, estão na base de qualquer projeto teórico e de qualquer disciplina científica, e lhes serve de fundamento na forma de idéias prévias — fazem parte de seu paradigma. Na ausência destes elementos culturais prévios, nem a psicologia e nem a biologia como ciências seriam possíveis: alguém já imaginou se seria factível falar em psicologia para um agrupamento humano que não distingue o somático do psíquico, ou como seria conversar sobre biologia no seio de uma cultura animista?

O que isto revela é que o objeto de uma disciplina científica não existe anteriormente à existência desta mesma disciplina: ele é construído por ela, e é gerado como uma maneira nova de abordar o mundo ou parte dele, maneira esta que se estrutura em profunda ressonância com os condicionantes culturais, econômicos e sociais de uma determinada época. Noutras palavras, uma disciplina científica não é determinada pelo objeto que ela investiga, mas é ela que o determina, isto é: só se define um objeto científico no meio da intersubjetividade da linguagem e das convenções socialmente admitidas e reconhecidas por um determinado grupo num determinado contexto histórico e cultural. Os objetos das ciências não são, neste sentido, objetos materiais, mas objetos formais: o que lhes dá sua pretensa objetividade é simplesmente o seu modo particular de utilizá-los no interior de uma comunidade científica que partilha o seu modo de utilização. E o sujeito da ciência, correlativamente, será um conjunto de atividades lingüísticas estruturantes da observação dos “dados” que se tornam objetos em virtude de seu caráter institucional.⁷

Assim,

Na base de qualquer discurso científico, e de qualquer paradigma, há sempre, portanto, de início, a seleção de um ponto de vista. A eleição de um ponto de vista privilegiado implica sempre em um “corte”, uma ação que “separa” e, separando, proíbe “confundir”. Se entendermos esta ação de separar como abstrair⁸ de uma totalidade dada, a adoção de um paradigma pode compreender-se como uma espécie de ruptura epistemológica⁹, ruptura no saber, ou abstração metódica¹⁰, “encaminhar-se que separa tudo aquilo

⁷ Ver GONTIJO, E. D. *Psicoterapias e Psicanálise: Paradigmas em Colisão?* Manuscrito não publicado. Belo Horizonte, FAFICH-UFMG, setembro de 1996, p. 3.

⁸ Do latim *abstrahere*, retirar de, separar.

⁹ Ver BACHELARD, G. *Le Nouvel esprit scientifique*. Paris, PUF, 1971.

¹⁰ De *methodos*, caminho.

que não é relevante ou pertinente para um modo de ver selecionado". São exatamente estas "rupturas" que conferem a um saber determinado o seu estatuto particular no campo das ciências.

Todo paradigma implica pois, na determinação de um âmbito particular de realidade, o que quer dizer uma redução da complexidade do mundo, uma simplificação que permite abordá-lo de maneira mais precisa e mais eficaz. Todo paradigma científico é, neste sentido, por definição, reducionista: tudo aquilo que não entra em seu esquema é recusado sistematicamente. Não aceitar este reducionismo equivale a recusar adotar um ponto de vista científico: sem estas rupturas epistemológicas iniciais, seria impossível a constituição de qualquer ciência. A física, por exemplo, seria impossível de se estabelecer como ciência particular na ausência da noção de matéria, e esta noção só poderia existir na medida em que separamos o mundo das coisas dos projetos humanos e seus conteúdos de experiências. E a geologia, analogamente, só poderia existir separando a Terra dos seres que nela habitam, e a psicologia, separando o psíquico do somático, e a psicanálise, definindo um âmbito dos fenômenos do inconsciente¹¹.

Em ciência, portanto, assumimos perspectivas privilegiadas que fazem com que, em relação ao objeto, predomine o aspecto problematização — isto é, do objeto enquanto problema. Um problema é, por assim dizer, um nó para a inteligência: ou seja, é um complexo nocional que, parecendo inicialmente inextricável, torna-se necessário desfazer.

O homem de ciência, num certo sentido, comporta-se como o Édipo diante da Esfinge: *desfeito o enigma*, o que era de início seu adversário é lançado de volta ao abismo de onde provinha, e daí ele *continua o seu caminho*: sua tarefa está acabada. Deste modo podemos afirmar que, quando o aspecto *problema* predomina no conhecer, o conhecimento é *menos ontológico*. Este tipo de saber lida, fundamentalmente, com construções da razão que permitem apreender o objeto, ou melhor, ele tem por objeto entidades que são, elas próprias, *construídas* pela razão. De maneira que o progresso da ciência se verifica por um processo *linear* e por *sucessão* — o progresso no conhecimento científico, noutros termos, é um progresso por substituição de construções. Assim, se em ciência uma construção revela-se não operacional, incompleta ou inadequada, ela é de pronto substituída por outra, de modo análogo aquele na qual a ferrovia substitui a diligência, e a lâmpada elétrica substitui a chama de uma vela.

Se na filosofia, portanto, predomina a atividade *especulativa* diante da densidade *ontológica* do seu objeto — *o ser enquanto ser* — resulta que nela o que se apreende é a própria *sabedoria*. E na sabedoria o homem é fundamentalmente um animal que necessita *ser ensinado*. Na busca

¹¹ Ver GONTIJO, E. D. *Op. cit.*, p. 4-5.

da sabedoria, recusar o trabalho comum das gerações e a transmissão sedimentada de um depósito é, nada mais e nada menos, *optar pela noite onde todas as vacas são pardas*. Em filosofia o conhecimento não conhece a saciedade. O seu objeto é uma fonte que, sempre fresca, sempre me sacia enchendo o viajante de sede *daquilo* que o saciou. Deste saber deste objeto, poder-se-ia dizer: “Os que de mim comem **ainda** terão fome, e os que de mim bebem **ainda** terão sede” (Eclesiástico, 24-21).

Na ciência, onde predomina a atividade de problematização, o que se verifica é o contrário. O homem de ciência que olha demasiado para trás permanece *inerte*: em ciência, toda a ênfase recai sobre o novo — ela é um eterno passar adiante. Em ciência, o conhecimento conhece a saciedade: quando o homem de ciência oferece uma resposta que satisfaz a uma pergunta, ele elimina a sua sede *daquilo*. Como Édipo, ele passa então adiante, rumo a uma nova sede e uma nova saciedade. Do saber deste objeto, e destas fontes da utilidade, poder-se-ia dizer: “Os que de mim comem **não** terão por algum tempo fome, e os que de mim bebem **não** terão por algum tempo sede”.

5. Para concluir: depois de distinguir e limitar, unir

Falácias são falácias, mesmo com um nome científico, e a expressão integral da experiência humana, da forma como objetivamente a vejo, incita-me irresistivelmente a ultrapassar as estreitas fronteiras da ciência.

WILLIAM JAMES

O que pretendemos neste texto foi oferecer argumentos em prol de uma afirmação bastante simples e, a meu ver, genuinamente freudiana: a afirmação de que *a psicanálise é uma ciência que implica uma técnica*, que por sua vez é subordinada a uma *ética* de caráter filosófico e não científico.

Uma grande *falácia*, que se tornou moeda corrente no meio psicanalítico nos últimos anos, consiste em afirmar que *a psicanálise não é uma ciência, mas uma ética*. Examinemos esta proposição por partes, à luz dos desenvolvimentos anteriores.

A psicanálise não é uma ciência — curiosa maneira esta, dos psicanalistas, de definir-se pela negatividade!

Dizia Hegel que *negar é afirmar o todo*. Assim, definir-se pela pura *negatividade*, é, em primeiro lugar, *desesperar-se da própria identidade*, como mostrava KIERKEGAARD:

*Desesperar de si próprio, querer, desesperado, libertar-se de si próprio, tal é a fórmula de todo desespero*¹².

Mas esta *autodefinição pela negatividade*, mais que um traço de *humildade* que reconhece os próprios limites — o que significa, no caso da psicanálise, reconhecer seus próprios *limites enquanto ciência* — recobre na verdade uma tremenda *presunção* e uma ingente *perversão*: a *perversão de pretender ser todo*, e recusar assim qualquer *sujeição*, qualquer *subordinação*, qualquer *Lei*.

*Quem desespera quer, no seu desespero, ser ele próprio (...). Este eu, que o desesperado quer ver, é um eu que ele não é (pois querer ser o eu que se é verdadeiramente é o contrário do desespero) — o que ele quer, com efeito, é separar o eu de seu Autor*¹³.

Esta definição pelo negativo coloca-nos um sério problema: se a psicanálise não é uma ciência, então a qual campo de *racionalidade* ela pertence? À *filosofia*? À *religião*? À *estética* da experiência? À *arte*? À *literatura*? Para dar expressão à *ironia*, é bom que se diga que o mais provável, nesta negatividade insistente, é que ela se defina como um saber arrogantemente *amorfo*: como um saber que, presumindo ser *todo*, revela-se afinal um *nowhere*...

Desnecessário dizer que esta recusa em identificar-se à ciência só ocorre às expensas e em *prejuízo* do próprio campo da psicanálise. Mas observe-se que o *preço* a pagar pela indefinição é realmente *muito alto*: trata-se, neste caso, de descaracterizar a *especificidade* do *paradigma* psicanalítico, ao sacrificar aquelas primeiras distinções que estabelecem as *premissas fundamentais* de sua disciplina. Sabemos que, no caso da psicanálise, isso equivaleria a abandonar, nada mais e nada menos, que o ponto de vista do *inconsciente* — a *tópica* — e o ponto de vista da *sexualidade*, sobre o qual a teorização entretece uma complexa e rica *dinâmica*.

E quanto à psicanálise ser uma ética?

Trata-se, também neste caso, de uma falácia, também encoberta por um sutil jogo de palavras.

Situemos as coisas nos devidos lugares: a psicanálise, muito embora não deva ceder nunca ao tecnicismo cego tão corrente, é antes de mais nada uma *técnica*. Uma técnica, repito, na medida em que, guiada

¹² Ver KIERKEGAARD, S. *O Desespero Humano*. Porto, Tavares Martins, 1979, p. 47.

¹³ Ver KIERKEGAARD, S. *Op. cit.*, p. 47

pelas premissas de seu próprio *paradigma* e *código particular*, ela só pode estabelecer *fins* que são, por definição, *particulares*.

É deveras importante que se compreenda de fato que *nada autoriza uma ciência particular a oferecer resposta às questões éticas*, isto é, afirmar algum *dever ser* com relação à vida como um *todo*. A questão *ética* é uma questão *filosófica*, e não *científica*.

Afirmar que a psicanálise é uma *ética* consiste portanto numa *mistificação* semelhante a dizer que a *biologia molecular* é uma *ética*, ao definir o ser humano como um ser dotado de carga genética humana... Trata-se, também neste caso, da mesma confusão entre *parte* e *todo*, *espécie* e *gênero*...

Dizer que a psicanálise está subordinada a parâmetros éticos, que se especificam, por sua vez, em uma espécie de *ética da clínica psicanalítica*, é sem dúvida alguma afirmar algo deveras *razoável* e aceitável. Mas isso quer simplesmente dizer, por fim, que toda e qualquer atividade humana implica numa *deontologia* e normatividade própria, e isto acontece quando uma doutrina geral da vida como um *todo* bem sucedida considera esta atividade específica — a atividade profissional, por exemplo — como algo constitutivo para a *eticidade* e o desenvolvimento humano das pessoas.

De novo, o que se pode perder de vista, também neste caso, é o *específico* da *técnica psicanalítica*...

Repetindo, à guisa de conclusão, a nossa advertência inicial, na esperança que ela faça agora algum sentido: façamos primeiro, como psicanalistas, as devidas distinções, condição primeira de possibilidade para entabularmos as devidas relações...

Endereço do autor:
Av. Francisco Deslandes, 780/602 — Bloco I
30310-530 Belo Horizonte — MG